

Histórias contadas: narrativas de mulheres vítimas de violência de género

Projecto Amor, Medo e Poder

Alexandra Dourado

Maio de 2011

FPCE – UP CIIE



**LOVE, FEAR
and POWER**

1st INTERNATIONAL SEMINAR
30/31 MAY 2011, FPCEUP



Versão portuguesa



Objectivos

Partindo da análise da narrativa, pretende-se inferir de que modo é que as vítimas perspectivam os modelos de intervenção de que foram alvo.

A narrativa que se pretende analisar é fruto de entrevista realizada a utilizadora de casa de abrigo referenciada por uma das instituições que colaboraram com o projecto “Amor, Medo e Poder”.

Método

Análise de conteúdo de entrevista semi – estruturada com duração de aproximadamente 1 hora, dirigida a mulheres que já beneficiaram ou estão a beneficiar dum acolhimento em Casa de Abrigo ou de acompanhamento em Centro de Atendimento;

A análise de conteúdo foi elaborada a partir de categorias baseadas nas expressões e termos das pessoas entrevistadas, seguindo quatro regras básicas (Lauren Bardin, 1986):

- 1) Exaustividade;
- 2) Exclusividade;
- 3) Semi-indução;
- 4) Pertinência da categoria.

Para cumprir a regra da objectividade, cruzamos a análise de conteúdo das entrevistas entre vários membros da equipa de investigação.

“A voz é uma expressão do Self, baseia-se na crença de que aquilo que temos a dizer é relevante e tem valor. O simples acto de ouvir, respeitosamente, dando total atenção, é um acto de empoderamento, mas para trazer mudanças à justiça social é preciso ser colocado dentro de estruturas mais amplas. O meu ponto de vista é que dar expressão às vozes silenciadas é o começo de uma prática transformadora. De uma perspectiva feminista, para se ter uma prática libertadora, deve identificar-se o poder dentro da diferença. Isso está enraizado em políticas de identidade e no sentimento de quem somos, em toda a nossa diversidade, em relação ao mundo que nos rodeia”. in *Personal narratives/political lives*, p.257, Ledwith, M. (2005)

Introdução

No seguimento das palavras de Ledwith pretende-se com esta comunicação dar corpo à voz de Maria que avança com algumas propostas de reflexão sobre os serviços a que as vítimas de violência de género têm de recorrer.

A perspectiva de Maria

Resultados

Os Serviços de Saúde

Maria, de uma das vezes que teve de recorrer a tratamento médico e em que estava disponível para denunciar, sentiu-se mal acolhida, mal tratada e nada reconhecida no seu sofrimento. Porém, e apesar de nada lhe terem perguntado, deram-lhe um documento para entregar na polícia.

Invisibilidade
Não reconhecimento
Negação

As Entidades Policiais

Maria sentiu-se bem acolhida no dia em que apresentou a primeira queixa, porém, o agente de autoridade que a recebeu, esclareceu que ninguém a podia proteger. Maria sentiu-se muito sozinha na procura de respostas e na tomada de decisões.

Solidão
Ampliação do sentimento de
desprotecção

A Avaliação Psicológica

Maria fala-nos do impacto de uma avaliação psicológica desadequada com base em pré-conceitos e descontextualizada da situação de violência vivida por ela e filho.

Não identificação do contexto de
violência

Incompreensão

Desamparo

Desprotecção

A Avaliação Psicológica

Maria sente que hoje teria mais capacidade para lidar com este relatório que a desvalorizava como mãe mas, na altura, sentiu o risco de poder ficar sem o filho e mais assustada.

O Risco

A Casa de Abrigo

Maria sentiu necessidade de apoio psicológico enquanto esteve na Casa Abrigo, faz esse pedido por sentir medo e por não conseguir lidar com a violência que ele exercia sobre a sua avó, porém, passados meses, ainda não tinha acompanhamento psicológico.

Acolhimento em Casa de Abrigo
— pode não significar cessação da
violência

Stress pós – traumático

O tempo das pessoas é diferente
do tempo das instituições

Importância do sigilo da morada
da Casa de Abrigo

A Casa de Abrigo

O não ter sido respondida no seu pedido fê-la sentir-se muito revoltada. Sentia que a Casa de Abrigo não funcionava e as exigências que lhe eram feitas eram por vezes muito rígidas.

O não acolhimento do pedido

pode causar revolta

As regras da Casa de Abrigo

podem ser sentidas como

violência

As regras da Casa de Abrigo

podem legitimar o abuso de

poder

A Casa de Abrigo

Na Casa de Abrigo, Maria teve de partilhar quarto com outra senhora o que foi muito complicado. Sente que é uma exigência mínima haver um quarto por família.

Importância da salvaguarda da intimidade familiar

A Casa de Abrigo

Maria procura aceitar a partilha de quarto, porém, quando pretende minorar os efeitos que tal lhe produz, é entendida como muito exigente.

Pedidos menos comuns são
sentidos como desadequados e
exigentes
Incompreensão

A Casa de Abrigo

Maria sentiu-se incompreendida nos seus pedidos. Quando finalmente compreendem, Maria já tinha utilizado os seus recursos pessoais para conseguir o apoio psicológico há tanto aguardado.

Relação estabelecida entendida
como de resistência
Pouca compreensão empática

A Casa de Abrigo

Maria não compreende porque é que não facilitam a vida das pessoas que estão em Casa de Abrigo pois reconhece que existem recursos.

Inflexibilidade no *modus operandi*

Dificuldade na adaptação dos recursos às necessidades das utilizadoras

A Casa de Abrigo

Maria sentiu-se muito desapoiada na sua ida à primeira audiência de julgamento do processo crime. Por não ser da zona, não sentiu que a equipa tivesse facilitado na organização da sua ida acabando, por se organizar sozinha. Por ser um momento especialmente ansiogénico, Maria teve um acto falhado e confundiu os horários dos transportes. Perante isto, e ao pedir ajuda para se deslocar à audiência, sentiu-se desapoiada. Apesar de se ter organizado, não consegue chegar à hora agendada.

Pouca compreensão empática
Desconsideração do impacto da
violência

Dificuldade na relação com o
imprevisto

Rigidificação do funcionamento

A Casa de Abrigo

Maria, depois da experiência da primeira audiência, conversou com a equipa e esclareceu-lhes sobre os seus constrangimentos. Desta vez, pediu formalmente para ser acompanhada e tal foi correspondido. Sente que as audiências são demasiado dolorosas para serem vividas sozinha e desacompanhada.

A relação de escuta e sua
influência na organização dos
apoios da Casa de Abrigo

A Casa de Abrigo

As equipas da Casa de Abrigo fazem sentir Maria que está lá por favor. Sente que lhe é exigida uma posição de submissão e subalternidade.

A gratidão esperada por quem
está acolhida
A submissão e subalternidade

A Casa de Abrigo

Maria sente uma grande desigualdade de poder entre utilizadoras e funcionárias considerando que, por vezes, a assumpção de que só as funcionárias têm razão por não haver possibilidade de resposta das vítimas, poderá ocasionar situações de grande injustiça.

A desigualdade de Poder

A Casa de Abrigo

Maria considera que, apesar de terem de existir regras na Casa de Abrigo, nomeadamente para informar sobre o paradeiro das utilizadoras, tais regras não podem ser convertidas em pedidos de autorização pois deste modo se transformam em actos de controlo.

As regras da Casa de Abrigo
podem ser sentidas como
controle

A Casa de Abrigo

Maria considera que às vezes estas regras (pedidos de autorização) acabam por complicar a vida e os pensamentos das utilizadoras.

O funcionamento da Casa de
Abrigo pode ser sentido como
juízo de valor e limitador da
espontaneidade

A Casa de Abrigo

A falta de emprego e de habitação social dificultam a vida de quem quer sair da Casa de Abrigo.

A falta de recursos económicos

Recomendações

Maria identifica alguns constrangimentos e necessidades na intervenção em violência de género nas relações de intimidade. A necessidade de haver intervenção obrigatória com os agressores, de forma a que eles entendam o impacto da violência nas mulheres e nas crianças.

A importância da intervenção
com os Agressores
Contributos para a compreensão
da continuidade dos
comportamentos abusivos
através das crianças e
adolescentes

Recomendações

Maria considera que as Casas de Abrigo deverão ter equipas multidisciplinares atentas às necessidades das utilizadoras e que elaborem planos e objectivos de intervenção. Estas equipas deveriam ter um acompanhamento externo à instituição.

Importância dum intervenção
Multi e interdisciplinar e de
Supervisão

A Casa de Abrigo

Maria considera importante as utilizadoras e as/os suas/seus filhas/os serem integradas/os em actividades desportivas na comunidade onde a Casa de Abrigo esteja inserida.

Importância da integração nas
actividades de âmbito
comunitário

Importância do sigilo da morada
da Casa de Abrigo

Conclusões

- As questões e contributos colocados por Maria vão de encontro a recomendações existentes na área da intervenção com vítimas de violência de género:
 - O tabu;
 - O crime público colocado como crime particular;
 - Não enquadramento do processo de vitimação no comportamento actual da vítima, e seu impacto no funcionamento psíquico ;
 - Importância do apoio psicológico pós saída da relação abusiva;
 - Continuidade dos comportamentos abusivos pós separação e dirigidos a outros elementos da família;
 - Importância do sigilo da morada da Casa de Abrigo;
 - As regras da Casa de Abrigo se não bem enquadradas podem ser sentidas como abuso de poder e em continuidade com os comportamentos abusivos vividos no passado;
 - Importância da reserva de um espaço à vivência da intimidade da família;

Conclusões

- As Casas de Abrigo podem ter dificuldades em se relacionarem com mulheres mais empoderadas;
- A integração em Casa de Abrigo é muito exigente e o seu funcionamento corre o risco de se rigidificar causando situações de pouca compreensão e pouca adequação às necessidades das mulheres acolhidas;
- Desigualdade de Poder;
- O funcionamento da Casa de Abrigo pode contribuir para a ampliação do desempoderamento;
- Continuidade dos comportamentos abusivos dirigidos a e através das crianças;
- Importância da intervenção com os agressores como forma de terminar os comportamentos abusivos;
- Ausência de recursos sociais que permitam uma reorganização consistente na saída da Casa de Abrigo;
- Importância dum intervenção multi e interdisciplinar e supervisão externa;
- Importância da existência dum rede de parceria;

Bibliografia

- BARDÍN, L., *Análisis de Contenido*, Madrid, Akal, 1986.
- Dourado, A., Gomes, A., Correia, E., Bibas, M., *Casa Abrigo: Abriga ou Abriga* in Magalhães, M. J., Tavares, M., Coelho, S., Góis, M., Seixas, E. (org.), *Quem tem medo dos feminismos?: Congresso Feminista 2008 – Actas, Vol. I*, Funchal, Nova Delphi, 157-167.
- Machado, M.R.C., *Narrativa de mulheres vítimas de violência: passos do processo* in *Psicologia: teoria e prática* – 2004, 6(I): 97-104, São Paulo 2004.
- Kemik, D. (wave consultant), *Country Report 2010, Reality check on european services for women and children survivors of violence: a right for protection and support?*, Wave - office/Austrian Women's Shelter Network, Viena 2010
- WAVE Co – Ordination Office/Austrian Women's Shelter Network, *Saindo da Violência – Linhas de Orientação para Implementar e Gerir um Refúgio para Mulheres*, Viena 2004.
- Women's aid until women & Children are safe, *Commissioning Domestic Violence Services: a quick guide – safeguarding survivors and services*, Bristol 2009.